

**Epistemologias negras:
fortalecer os laços e os afetos (ancestrais), de(s)colonizar o pensamento**

**Black epistemologies:
strengthen (ancestral) ties and affections, descolonize the thinking**

Prof. Dr. ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES (IFBA)

Prof. Dr. MARCOS LOPES (UESB)

(Orgs.)

*Eu tenho Zumbi, Besouro, o chefe dos tupis
Sou Tupinambá, tenho os erês, caboclo boiadeiro
Mãos de cura, morubichabas, cocares
Zarabatanas, curares, flechas e altares
Maria Bethania*

Àgô¹. Certa feita, o antropólogo Darcy Ribeiro levou um livro à apreciação de Lévi-Strauss. Tratava-se de seu monumental “O processo civilizatório”, um livro teórico. Lévi-Strauss teria desencorajado o brasileiro a escrever livros de teoria e dedicar-se aos mitos:

E ele disse: “Olhe Darcy, você é um príncipe da observação. Tem uma capacidade enorme de observação, tanto que eu uso muito os mitos e as coisas que você colhe. E por isso eu acho bobagem você fazer teoria”. E eu disse: “Então, eu colho material no campo e você teoriza? Isso é lá coisa que se diga?”. E ele diz: “Não, estou falando a sério. Porque os seus livros vão ficar, os meus

não. Porque a teoria dura 20 anos no máximo”².

Chamava a atenção o francês para a pertinência dos mitos. Compreendia que atravessam os nossos sentidos, estabelecendo ligação com a realidade direta e cotidiana de cada indivíduo. Os mitos estão em melhores condições de fazer significar numa ótica atemporal e conectada com os problemas do dia a dia. Se a teoria desenvolvida por Strauss tinha certa durabilidade, os mitos seriam um eterno a significar porque molhados por uma carga simbólica, metafórica, ritualística.

A conversa entre estes dois grandes, Darcy Ribeiro e Strauss, ajuda a rasurar o pensamento positivista, o qual dificulta o vaivém salutar entre a lógica clássica e o saber empírico, ignorando

¹ Àgô é reverência, pedido de compreensão, licença.

² Entrevista de Darcy Ribeiro ao programa RodaViva (1995), disponível em <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/63>

os seres, a subjetividade, a afetividade, os mitos. O que salta da conversa – que não é outra coisa senão dar voltas no pensamento –, é a vida atravessada por seus mitos, ritos, afetos, afecções, desejos, amores, escárnios, loucuras e arrependimentos, os quais quando considerados apenas pela Razão perdem força.

Cada vez mais, a Ciência clássica tem sido questionada. Seu interesse na regularidade é incompatível com os estudos da Física Quântica, a grandeza das galáxias, com seus bilhões e bilhões de estrelas e o Universo em expansão, bem como pelo micro em que se assenta a nanotecnologia. Após viver duas guerras mundiais, a aniquilação atômica, a ressurreição de fanatismos e a degradação dos ecossistemas, as agruras da concentração de renda e poder, o discurso do progresso positivista, materialista e darwinista se esboroa, colocando em xeque a supremacia da Ciência.

Outra sensibilidade deve ter lugar. Na Universidade – paradoxalmente atrasados –, tentamos apreender os discursos/mitos/ritos por meio da razão e da crítica, do passar em revista as teorias e os discursos do intelecto, quando, na verdade, os terreiros, as ialorixás, a umbigada, os pandeiros, as vendedoras de acarajé, as rezadeiras, as quebradeiras de coco, aproximam-se mais rapidamente da Vida. Expliquemos melhor ilustrando um ocorrido na Academia: Daniel Lins, sociólogo, filósofo e psicanalista, quando fora aluno do francês Jacques Lacan pretendeu desistir de suas aulas porque não as estava entendendo. A questão se dava da seguinte forma: ou bem ele, Daniel Lins era um burro ou Lacan seria um monstro da inteligência. Era o que pensava Lins. Este procura o mestre e lhe diz: “Lacan, eu não consigo

entender Lacan”. O professor responde com humildade: “Muitas vezes eu também não consigo entender Lacan”. A proposta então era muito mais do que entender, sentir³. Lacan estava dizendo “algo” que se relacionava com a desordem e o descontrole da razão, ou seja, era preciso deixar-se afetar por outra sensibilidade.

Especialmente após a crise econômica de 2008, o etnocentrismo europeu, branco, ocidental, masculino e judaico-cristão, deve ceder lugar a ferramentas epistemológicas e a perspectivas novas de ser e de estar no mundo. Modelos inovadores de pensamento – feminista, *queer*, decolonial, pós-colonial, negro, indígena, do Sul – estão produzindo uma crítica ao capitalismo, ao neoliberalismo, ao paternalismo sexista e a todas as formas de discriminação.

Centrados cada qual a seu modo, em saberes negros, na comunitariedade, na importância de uma cosmovisão negra aberta a um pensamento plural e complexo não confinado à Europa, os textos disponibilizados neste número da “Revista Espaço Acadêmico”, colocam sob suspeita e rasuram a ignorância do pensamento parcelar e autoritário ocidental que vê fenômenos separados, incapaz de lidar com a complexidade das relações.

Não apenas isto, os textos aqui dispostos denunciam a violência, a estigmatização, o apagamento dos saberes, dos corpos, dos mitos negros, levantando-se contra a morte epistêmica, o epistemicídio negro, a desvalorização e o recalçamento de um cabedal de saberes pretos que constroem o *status quo* com sua pedagogia negra transgressora: não há

³ Cf.

<https://www.youtube.com/watch?v=1saZGzLM1Vk>.

um início, meio, fim catártico a seguir, senão encruzilhadas ancestrais de espantos e afetos.

Não se trata apenas de obedecer a uma legislação que insere o “Ensino de História e Cultura Afro-brasileira” na rede regular de educação, mas apostar na efetividade das epistemologias negras, quais sejam “exurianas”, “pretagogia”, “micropolítica decolonial”, “umbigadas”, “afrofilosofias”, “saberes diaspóricos”, “cyberativismo antirracista”. Estas devem potencializar a de(s)colonização do pensamento, insurgir-se contra a pretensa pureza racial do conhecimento e a invisibilização dos saberes pretos, com toda a força dos mitos, da cosmopolítica dos orixás, éboras, encantados, assentadas na história de luta e resistência afrodiaspórica e quilombola. Devem chamar nossa atenção contra a violência do lucro, seja porque a ética do capital divide e

hierarquiza, racializa e corrompe, seja porque engendra discursos que supostamente justificam a exploração.

Às autoras e aos autores agradecemos a confiança de sua escrita, que estas tenham efeito, que Ori permita! Que os laços de afetos e as parcerias se desdobrem produzindo mais ativismo e questionamento, cotidianamente nos unindo e fortalecendo nossos ebós de palavras.

Kolofé para quem é de kolofé, Mukuiú para quem é de mukuiú, Motumbá para quem é de motumbá. Meu Zumbi saúda o Zumbi que há em vocês, meu erê convida a brincar, minha Iansã saúda sua Oyá e balança o bambuzal dos saberes, possibilitando novas encruzilhadas. A todos, Axé!

Recebido em 2018-08-05
Publicado em 2018-08-07